

# LUIGI PIRANDELLO

Prémio Nobel de Literatura

um,  
ninguém  
e cem mil



cavalo de ferro

## LIVRO PRIMEIRO

### I

#### A minha mulher e o meu nariz

– Que estás a fazer? – perguntou-me a minha mulher, ao ver que me demorava inusitadamente diante do espelho.

– Nada – respondi-lhe –, estou a olhar para o meu nariz, para dentro desta narina. Quando carrego, sinto uma dorzinha.

A minha mulher sorriu e disse:

– Julgava que estavas a ver para que lado te pende.

Voltei-me, como um cão a quem tivessem pisado a cauda:

– Pende? A mim? O nariz?

E a minha mulher, placidamente:

– Claro que sim, querido. Olha bem para ele: pende-te para a direita.

Tinha vinte e oito anos e até então sempre considerara o meu nariz, se não propriamente bonito, pelo menos muito decente, tal como todas as outras partes da minha pessoa. Pelo que me fora fácil admitir e alimentar a ideia que habitualmente admitem e alimentam todos os que não tiveram a infelicidade de lhes calhar em sorte um corpo disforme: que só um tolo se envaidece das suas feições. Por isso, a descoberta súbita e inesperada daquele defeito irritou-me como um castigo imerecido.

Talvez a minha mulher tenha visto mais fundo que eu naquela minha irritação, e acrescentou de imediato que, se eu tinha a convicção de não ter defeitos, devia perdê-la, pois, assim como o nariz me pendia para a direita, também...

— O que mais?

Ah, muito mais! As minhas sobrancelhas pareciam dois acentos circunflexos sobre os olhos, ^ ^, as minhas orelhas estavam mal colocadas, uma mais saliente que a outra; e outros defeitos...

— Mais ainda?

Mais ainda, sim: nas mãos, o dedo mindinho; e nas pernas (não; tortas, não!), a direita era um bocadinho mais arqueada que a outra; à altura do joelho, um pouquinho.

Depois de um exame atento, tive de reconhecer que todos esses defeitos eram reais. E só então a minha mulher, tomando certamente por desgosto e desânimo o espanto que senti logo a seguir à irritação, para me consolar me exortou a não me afligir tanto, pois mesmo com esses defeitos ainda era, no conjunto, um homem bonito.

Desafio a não se irritar quem tiver recebido como generosa concessão aquilo que primeiro lhe foi negado como direito. Lancei-lhe um envenenado «obrigado» e, certo de não ter motivo para desgosto nem desânimo, não dei qualquer importância àqueles ligeiros defeitos, mas dei uma importância enorme e excepcional a ter vivido tantos anos sem nunca mudar de nariz, sempre com aquele, e com aquelas sobrancelhas e aquelas orelhas, aquelas mãos e aquelas pernas; e tinha de esperar até ter mulher para descobrir que eram defeituosos.

— Ora, que admiração! Não se sabe já, as mulheres? Foram feitas para descobrir os defeitos dos maridos.

Pois, as mulheres, não o nego. Mas também eu, se me permitem, naquele tempo tinha tendência para mergulhar,

por qualquer palavra que me fosse dita ou mosca que visse voar, em abismos de reflexões e considerações que me escavavam por dentro e me esburacavam o espírito de alto a baixo e de atravessado, como uma toca de toupeira, sem que por fora se notasse.

– É óbvio – dizem vocês – que podia desperdiçar muito tempo.

Não por isso. Pelo estado de espírito em que me encontrava. Mas de resto, sim, também pelo ócio, não nego. Rico, tinha dois amigos de confiança – Sebastiano Quantorzo e Stefano Firbo – que olhavam pelos meus negócios desde que meu pai morrera; o qual, apesar de ter tentado a bem e a mal, nunca conseguira fazer com que eu concluísse nada; excepto casar-me, isso sim, muito jovem; talvez na esperança de ao menos eu ter sem demora um filho que não se parecesse comigo em nada; mas, coitado, nem sequer isso conseguira obter de mim.

Não é que, atenção, a minha vontade se opusesse a seguir as vias para as quais o meu pai me encaminhava. Seguia-as todas. Mas, avançar por elas, não avançava. Detinha-me a cada passo; punha-me, primeiro à distância e depois cada vez mais perto, a girar em volta de cada pedrinha que encontrava, e admirava-me assaz de os outros serem capazes de me passar à frente sem fazer caso daquela pedrinha, que, para mim, entretanto, tinha assumido as proporções de uma montanha insuperável, ou melhor, de um mundo em que poderia facilmente ter fixado residência.

Assim ficara, parado nos primeiros passos de tantas vias, com o espírito cheio de mundos, ou de pedrinhas, que é a mesma coisa. Mas não me parecia, de todo, que aqueles que me tinham passado à frente e percorrido toda a via, ao fim e ao cabo, soubessem mais sobre ela do que eu. Tinham-me passado à frente, não se põe isso em dúvida, e todos bravateando como cavalinhos; mas depois,

ao fundo da via, haviam encontrado um carro, o seu carro; tinham-se deixado atrelar a ele com muita paciência, e agora tiravam-no. Eu não, não tirava carro nenhum; e por isso não tinha bridas nem antolhos; via, sem dúvida, mais que eles; mas no que toca a andar, não sabia para onde.

Agora, voltando à descoberta daqueles ligeiros defeitos, afundei-me por completo, de imediato, na reflexão de que, por conseguinte – seria possível? –, nem sequer conhecia bem o meu próprio corpo, as coisas que eram minhas e que mais intimamente me pertenciam: o nariz, as orelhas, as mãos, as pernas. E punha-me outra vez a olhá-las, para as examinar de novo.

Foi aí que começou o meu mal. Aquele mal que em breve me reduziria a estados de espírito e de corpo tão miseráveis e desesperados que me teriam levado à morte ou à loucura, se não tivesse encontrado no meu próprio mal – como vos contarei – o remédio que havia de me curar.

## II

### E o vosso nariz?

Imaginei imediatamente que, se a minha mulher os descobrira, toda a gente reparava naqueles meus defeitos corporais e não via mais nada em mim.

– Estás a olhar para o meu nariz? – perguntei de súbito, nesse mesmo dia, a um amigo que se aproximara para me falar não sei de que assunto, que devia ser importante para ele.

– Não, porquê? – disse-me ele.

E eu, sorrindo nervosamente:

– Pende-me para a direita, não vês?

E obriguei-o a uma observação firme e atenta, como se aquele defeito do meu nariz fosse um estrago irreparável que ocorrera inesperadamente no sistema do universo.

O amigo olhou-me, a princípio, um pouco aturdido; depois, suspeitando, decerto, que eu puxara tão de repente e tão fora de propósito o assunto do meu nariz por não achar digna de atenção nem de resposta a questão de que me falava, deu de ombros e virou-se para se afastar de mim. Agarrei-o por um braço e disse-lhe:

– Não, ouve – disse-lhe –, estou disposto a tratar desse assunto contigo. Mas neste momento tens de me desculpar.

– Estás preocupado com o teu nariz?

– Nunca tinha reparado que me pendia para a direita. Foi a minha mulher que me chamou a atenção esta manhã.

– Ah, então foi isso? – perguntou-me o amigo; e os olhos riam-se-lhe com uma incredulidade que ao mesmo tempo era escárnio.

Fiquei a olhar para ele como de manhã olhara para a minha mulher, com um misto de desalento, de irritação e de espanto. Quer dizer que também ele já dera por isso há algum tempo? E quem sabe quantos mais, como ele! E eu sem saber, e, não o sabendo, julgava que era para todos um Moscarda com o nariz direito, e afinal era para todos um Moscarda com o nariz torto; e sei lá quantas vezes me acontecera falar, sem qualquer suspeita, do nariz defeituoso de fulano ou de sicrano, e quantas vezes não tinha, por isso, dado azo a que se rissem de mim e pensassem:

«Ora vejam como este desgraçado fala dos defeitos dos narizes alheios!»

Poderia ter-me consolado, é certo, a reflexão de que, ao fim e ao cabo, o meu caso era óbvio e comum, e provava uma vez mais um facto sobejamente conhecido, ou seja, que notamos facilmente os defeitos alheios e não nos

apercebemos dos nossos. Mas o germe inicial do meu mal começara a ganhar raízes no meu espírito e não pude encontrar consolo nessa reflexão.

Pelo contrário, fiquei obcecado pelo pensamento de que eu não era para os outros aquilo que até agora, no meu íntimo, imaginara ser.

De momento pensei apenas no corpo e, como o meu amigo continuava diante de mim com o seu ar de incredulidade trocista, para me vingar perguntei-lhe se ele, pelo seu lado, sabia que tinha no queixo uma covinha que lho dividia em duas partes, não exactamente iguais: uma mais saliente do lado de cá, outra mais abatida do lado de lá.

— Eu? Mas que ideia! — exclamou o amigo. — Tenho a covinha, bem sei, mas não é como tu dizes.

— Entremos naquela barbearia além, e vais ver — propus-lhe de imediato.

Quando o meu amigo, depois de entrar na barbearia, se apercebeu, admirado, do defeito e reconheceu que era verdade, não se mostrou irritado; disse que, afinal de contas, era uma ninharia.

Pois sim, uma ninharia, sem dúvida; no entanto, seguindo-o de longe, vi que se deteve uma primeira vez na montra de uma loja e depois uma segunda vez, mais à frente, diante de outra; e mais à frente ainda, e durante mais tempo, uma terceira vez, junto ao espelho de um taipal, para observar o queixo; e tenho a certeza de que assim que entrou em casa foi direito ao guarda-fato para fazer mais à vontade, naquele espelho, a descoberta do seu novo eu com aquele defeito. E não tenho a mínima dúvida de que, para por sua vez se vingar, ou para dar seguimento a uma brincadeira que lhe pareceu merecer grande divulgação na cidade, depois de ter perguntado a um amigo (como eu a ele) se alguma vez notara aquele seu defeito no queixo, ele próprio terá descoberto algum defeito na fronte ou na boca desse amigo,

o qual, por sua vez... — sim!, sim! — podia jurar que durante vários dias seguidos, na nobre cidade de Richieri<sup>1</sup>, eu vi (se não foi apenas imaginação minha) um número muito considerável de conterrâneos meus a irem de uma montra a outra e a pararem em frente delas para examinarem a cara, ou uma maçã do rosto, ou o canto de um olho, ou o lóbulo de uma orelha, ou uma aleta nasal. E uma semana depois um certo sujeito abordou-me, com ar perturbado, para me perguntar se era verdade que, sempre que se punha a falar, contraía inadvertidamente a pálpebra do olho esquerdo.

— Sim, meu caro — disse-lhe de supetão. — E eu, estás a ver? O nariz pende-me para a direita; mas estou bem ciente disso; não é preciso que mo digas. E as sobrancelhas? Em acento circunflexo! As orelhas, olha para elas: uma mais saliente que a outra; e aqui, as mãos: chatas, hã? E a articulação deste mindinho, defeituosa; e as pernas? Esta aqui, parece-te que é como a outra? Não é, hem? Mas estou ciente disso e não é preciso que mo digas. Passa bem.

Virei-lhe as costas e fui-me embora. Poucos passos dera, quando ouvi que me chamava.

— Pst!

Placidamente, chamava-me a si com o dedo, para me perguntar:

— Desculpa, a tua mãe não deu à luz outros filhos depois de ti?

— Não; nem antes nem depois — respondi. — Filho único. Porquê?

— Porque — disse ele —, se a tua mãe tivesse dado à luz outra vez, tinha tido outro rapaz de certeza.

— Ai sim? Como sabes isso?

— É simples: dizem as mulheres do povo que quando se nasce com os cabelos a terminarem num rabicho na nuca, como o que tu tens aqui, o que nascer a seguir é rapaz.

<sup>1</sup> Richieri: cidade imaginária [N. T.]



Levei uma mão à nuca e, com uma risadinha gélida, perguntei-lhe:

– Ah, tenho um... como disseste?

E ele:

– Rabicho, meu caro, é o que lhe chamam em Richieri.

– Oh, mas isto não é nada! – exclamei. – Posso mandá-lo cortar.

Negou primeiro com o dedo e depois disse:

– Fica-te sempre a marca, meu caro, mesmo que o mandes rapar.

E desta vez virou-me ele as costas.

### III

#### Bela maneira de estar sozinho!

A partir daquele dia, desejei ardentemente estar só, pelo menos durante uma hora. Mas na verdade, mais que desejo, era necessidade: necessidade intensa, urgente e frenética, que a presença ou a proximidade da minha mulher exacerbavam até à raiva.

– Ouviste, Gengè<sup>2</sup>, o que disse o Michelina ontem? Quantorzo precisa de falar contigo com urgência.

– Olha, Gengè, vê se me aparecem as pernas quando seguro assim o vestido.

– A pêndula parou, Gengè.

– Gengè, não levas a cadelinha à rua? Depois suja-te os tapetes e ralhas com ela. Mas terá de ser, pobre bichinha... quer dizer... com certeza não pretendes que... Não sai desde ontem à noite.

– Não receias que Anna Rosa esteja doente, Gengè? Há três dias que não aparece, e da última vez doía-lhe a garganta.

<sup>2</sup> De Vitangelo, que infelizmente é o meu nome do qual a minha mulher tirara este diminutivo, pelo qual me tratava; não sem razão, como se verá.

– Veio cá o senhor Firbo, Gengè. Diz que volta mais tarde. Não podias encontrar-te com ele lá fora? Meu Deus, que maçador!

Ou então ouvia-a cantar:

*E se me disseres que não,  
meu amor, amanhã não virei;  
amanhã não virei...  
amanhã não virei...*

Mas por que razão não se fechava você no quarto, talvez com duas rolhas nos ouvidos?

Oh, céus!, vejo que não compreende como eu queria estar só. Só podia fechar-me no meu escritório, mas, mesmo ali, sem poder trancar a porta, para não suscitar suspeitas maldosas na minha mulher, que era, má não direi, mas muito desconfiada. E se ela abrisse a porta de repente e me descobrisse?

Não. Além disso, seria inútil. No meu escritório não havia espelhos. Eu precisava de um espelho. Por outro lado, o simples pensamento de que a minha mulher estava em casa era o bastante para que eu mantivesse as minhas ideias e ações sob total controlo, e era precisamente isso que eu não queria.

Para si, o que significa estar só?

Estar na companhia da sua pessoa, sem nenhum estranho por perto.

Ah, sim, garanto-lhe que essa é uma bela maneira de estar só. Abre-se na memória uma janelinha querida, à qual assoma, sorridente, entre um vaso de cravos e outro de jasmims, a Titti a tricotar uma faixa de lã vermelha, ai, meu Deus, como aquela que usa ao pescoço o velho e insuportável senhor Giacomino, para quem ainda não escreveu o cartão de recomendação para o presidente da Congregação

de Caridade, seu bom amigo, mas também ele chatíssimo, principalmente se se põe a falar das diabruras do seu secretário particular, que ontem... não, quando foi? Anteontem, que chovia e a praça parecia um lago, com toda aquela cintilação de gotas ao surgir um alegre jorro de sol, e, a correr, Deus, que confusão de coisas, o lago, o quiosque de jornais, o eléctrico que fazia a agulha e chiava furiosamente ao dar a volta, aquele cão a escapulir... basta! Você enfiou-se num salão de bilhar e lá estava ele, o secretário do presidente da Congregação de Caridade; e que risadinhas ele dava sob a bigodeira cor de pimenta ao ver o seu azar quando você começou a jogar com o amigo Carlino, conhecido por *Décima quinta*. E depois? Que aconteceu depois, ao sair do salão de bilhar? Sob a frouxa luz de um lampião, na rua húmida e deserta, um pobre bêbedo melancólico tentava cantar uma canção napolitana, que — há tantos anos — quase todas as noites você ouvia cantar naquela aldeia de montanha entre castanheiros, onde tinha ido veranejar para estar perto da sua amada Mimi, que depois se casou com o velho comendador Della Venera e um ano depois morreu. Oh, querida Mimi. Ei-la, lá está ela a outra janela que se abre na sua memória...

Pois é verdade, meus amigos, garanto-vos que essa é uma bela maneira de estar só!

#### IV

#### De que modo eu queria estar só

Queria estar só de um modo totalmente insólito, novo. Exactamente ao contrário daquilo que vocês pensam, ou seja, *sem mim* e, justamente, *com um estranho por perto*.

Isto já vos parece um primeiro sinal de loucura?

Talvez porque não estão a reflectir bem.

A loucura podia já estar em mim, não nego; mas peço que acreditem que o único modo de se estar realmente só é este que vos digo.

A solidão nunca está convosco; está sempre sem vós, e só é possível com um estranho por perto, seja ele lugar ou pessoa, que vos ignore completamente e que vocês ignorem completamente, de maneira que a vossa vontade e o vosso sentimento fiquem suspensos e perdidos numa incerteza angustiante e, ao cessar toda a afirmação de vós, cesse a própria intimidade da vossa consciência. A verdadeira solidão está num lugar que vive para si e que para vós não tem traços nem voz, e onde, por conseguinte, o estranho sois vós.

Era deste modo que eu queria estar só. Sem mim. Quero dizer, sem aquele «mim» que eu já conhecia, ou que julgava conhecer. Só, com um determinado estranho que eu já sentia obscuramente que não poderia afastar de mim, e que era eu próprio: *o estranho inseparável de mim*.

Sentia, então, a presença de um só! E esse um, ou a necessidade que tinha de me encontrar sozinho com ele, de o pôr diante de mim para o conhecer bem e conversar um pouco com ele, já me perturbava muito, com uma sensação entre o asco e o terror.

Se para os outros eu não era aquilo que até agora acreditara ser para mim, quem era eu?

Vivendo, nunca pensara na forma ou no tamanho do meu nariz, se pequeno ou grande, ou na cor dos meus olhos, na estreiteza ou amplidão da minha fronte, e assim por diante. Aquele era o meu nariz, aqueles os meus olhos, aquela a minha fronte; coisas inseparáveis de mim, nas quais, entregue aos meus afazeres, ocupado com as minhas ideias, abandonado aos meus sentimentos, não podia pensar.

Mas agora pensava:

«E os outros? Os outros não estão dentro de mim. Para os outros que olham de fora, as minhas ideias, os meus sentimentos têm um nariz. O meu nariz. E têm um par de olhos, os meus olhos, que eu não vejo e eles vêem. Que relação há entre as minhas ideias e o meu nariz? Para mim, nenhuma. Eu não penso com o nariz, nem faço caso do nariz enquanto penso. Mas os outros? Os outros que não podem ver as minhas ideias dentro de mim e vêem, de fora, o meu nariz? Para os outros, há uma tal relação entre as minhas ideias e o meu nariz que, suponhamos, se as minhas ideias fossem muito sérias e o nariz, pela sua forma, muito cómico, se punham a rir.»

Prosseguindo esse pensamento, mergulhei nesta outra questão: eu não podia, enquanto vivia, representar-me a mim mesmo nos actos da minha vida; ver-me como os outros me viam; pôr o meu corpo diante de mim e vê-lo viver como o de outra pessoa. Quando me punha diante de um espelho, dava-se como que uma paragem em mim; toda a espontaneidade cessava, todos os meus gestos me pareciam fictícios ou estudados.

Não podia ver-me viver.

Pude ter a prova disso na impressão que, por assim dizer, me assaltou quando, alguns dias depois, andando e falando com o meu amigo Stefano Firbo, me aconteceu ser de repente surpreendido por um espelho na rua, do qual nunca me tinha apercebido. Essa impressão não pôde durar mais que um instante, pois logo se seguiu aquela tal paragem e tudo deixou de ser espontâneo e começou a ser estudado. A princípio não me reconheci. Tive a impressão de que era um estranho que passava pela rua a conversar. Parei. Devia estar muito pálido. Firbo perguntou-me:

– Que tens?

– Nada – disse. E pensava para mim, invadido por um estranho terror que era, ao mesmo tempo, asco:

«Era mesmo a minha imagem, aquela que entrevi num ápice? Sou mesmo assim, eu, de fora, quando – enquanto estou vivendo – não penso em mim? Quer dizer que para os outros sou aquele estranho surpreendido no espelho; aquele e não eu, tal como me conheço; aquele ali, que eu próprio, de início, ao avistá-lo, não reconheci. Sou aquele estranho que não posso ver viver a não ser assim, num ápice imprevisito. Um estranho que só os outros podem ver e conhecer, e eu não.»

E, a partir daí, fixei-me neste propósito desesperado: dedicar-me a seguir aquele estranho que havia em mim e que me escapava; que não conseguia deter em frente de um espelho, porque imediatamente passava a ser eu tal como eu me conhecia; aquele que existia para os outros e que eu não podia conhecer; que os outros viam viver e eu não. Queria vê-lo e conhecê-lo também eu, tal como os outros o viam e conheciam.

Repito: eu ainda acreditava que este estranho era um só – um só para todos, tal como acreditava que eu, para mim, era um só. Mas depressa o meu drama se complicou, com a descoberta dos cem mil Moscardas que eu era, não só para os outros, mas também para mim, todos eles com este único nome, Moscarda, feio até à crueldade; todos dentro deste meu pobre corpo que era, também ele, um, um e nenhum, ai de mim!, se o pusesse diante do espelho e o olhasse, fixo e imóvel, nos olhos, anulando nele todo o sentimento e toda a vontade.

Quando o meu drama assim se complicou, começaram as minhas incríveis loucuras.

## V

## No encalço do estranho

Falarei por agora das mais pequenas, que comecei a fazer na forma de pantomina, na vivaz infância da minha demência, diante de todos os espelhos da casa, olhando para um lado e para outro para não ser surpreendido pela minha mulher, na impaciente expectativa de que ela saísse para alguma visita ou compra e me deixasse finalmente só por um bom bocado.

Não pretendia, como um actor, estudar os meus movimentos, compor na face as expressões dos diversos sentimentos e estados de espírito; pelo contrário, queria surpreender-me em atitudes naturais, nas súbitas alterações produzidas no rosto por cada estado de espírito; por exemplo, por um espanto inesperado (por uma ninharia qualquer, elevava as sobrancelhas até à raiz dos cabelos e escancarava os olhos e a boca, alongando o rosto como se um fio interno mo esticasse); por um desgosto profundo (enrugava a fronte, imaginando a morte da minha mulher, e semicerrava melancolicamente as pálpebras, como se estivesse a carpir esse desgosto); por uma raiva feroz (arreganhava os dentes, supondo que alguém me tinha esbofetado, franzia o nariz, esticava a mandíbula e fulminava com o olhar).

Mas, em primeiro lugar, esse espanto, esse desgosto e essa raiva eram fingidos, não podendo ser verdadeiros, pois se fossem verdadeiros eu não os poderia ver: cessariam subitamente, pelo simples facto de eu os ver; em segundo lugar, os espantos que me podiam atingir eram vários e muito diversos, e também as expressões eram imprevisíveis, infinitamente variáveis até, de acordo com os momentos e com os meus estados de alma; e a mesma coisa

se aplicava a todos os desgostos e a todas as raivas. E, por fim, mesmo admitindo que por um único e específico espanto, por um único e específico desgosto, por uma única e específica raiva eu tivesse, de facto, assumido aquelas expressões, elas eram tal como eu as via, e não como os outros as teriam visto. Aquela minha expressão de raiva, por exemplo, não teria sido vista da mesma maneira por um que a houvesse temido, por outro que estivesse disposto a desculpá-la, por um terceiro que estivesse na disposição de se rir dela, e assim por diante.

Ah!, quanto siso tinha eu ainda, para entender tudo isto; porém, não foi capaz de me servir para inferir, da óbvia inexequibilidade daquele meu louco propósito, a natural consequência: renunciar àquela empresa desesperada e contentar-me em viver para mim, sem me observar e sem me preocupar com os outros.

A ideia de que os outros viam em mim alguém que não era eu tal como eu me conhecia, alguém que só podiam conhecer olhando-me de fora com olhos que não eram os meus e que me atribuíam um aspecto que estava destinado a ser-me sempre estranho, embora existisse em mim, embora fosse o meu aspecto para eles (um «meu» que, portanto, não existia para mim!) – uma vida na qual, embora sendo a minha para eles, eu não podia penetrar –, essa ideia não me deixou mais ter sossego.

Como suportar este estranho em mim, este estranho que era eu mesmo para mim? Como não vê-lo?, como não conhecê-lo?, como estar para sempre condenado a levá-lo comigo, em mim, à vista dos outros e, no entanto, fora da minha vista?



A hilariante descoberta de um nariz imperfeito está na base  
de um dos mais originais romances europeus  
desde *Cyrano de Bergerac*.

A revelação inesperada de que o seu nariz, ligeiramente torto, pende para o lado direito leva Vitangelo Moscarda, banqueiro influente, apelidado carinhosamente pela mulher de «Gengè», aos limites da obsessão. A banal constatação da sua pequena imperfeição física provocará em Gengè comportamentos cada vez mais estranhos para os que o rodeiam, levando-o progressivamente à loucura e próximo da bancarrota.

Humorístico e profundamente irónico, *Um, Ninguém e Cem Mil* foi o último romance publicado por Luigi Pirandello, Prémio Nobel de Literatura, e é considerado pela crítica um dos pontos mais altos de toda a sua obra, onde o autor resume e aprofunda todo o seu universo, que marcou de forma original a Literatura do século xx.




«Original, comovente e intrigante. Numa palavra: genial!  
Este romance maravilhoso é uma viagem mental delirante  
de Vitangelo Moscarda, em busca do “estrangeiro” que há em si...»

**PUBLISHERS WEEKLY**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [cavalodeferro](#)  
  [penguinlivros](#)

ISBN 9789897870293



9 789897 870293 >